

DOCUMENTO FINAL

“E entrou para ficar com eles” (Lc 24,29)

Convocados pelo Conselho Pontifício para a Pastoral dos Migrantes e Itinerantes e pela Arquidiocese de Santiago de Compostela (Espanha), reunimo-nos, de 27 a 30 de Setembro de 2010, para celebrar o **II Congresso Mundial de Pastoral de Peregrinações e Santuários**, coincidindo com o Ano Santo Compostelano. A nossa reunião teve lugar em Santiago de Compostela, junto ao sepulcro de Santiago, cidade reconhecida pela UNESCO como “Património da Humanidade”, e cujo Caminho, percorrido desde a Idade Média por milhões de peregrinos, foi declarado pelo Parlamento Europeu “Primeiro Itinerário Cultural europeu”. Congregámo-nos pessoas dos cinco continentes que, desde os mais variados sectores, nos ocupamos deste âmbito eclesial: Bispos promotores da pastoral das peregrinações e santuários e Bispos interessados; Directores nacionais correspondentes; reitores de santuários; membros de associações eclesiais de peregrinações e santuários, e de agências que organizam peregrinações, bem como outras pessoas interessadas, entre as quais se contam estudiosos e jornalistas.

Todos os trabalhos desenvolvidos foram acompanhados e iluminados pela Mensagem que Sua Santidade o Papa Bento XVI se dignou dirigir aos participantes deste Congresso, celebrado precisamente algumas semanas antes de que o Santo Padre visite a cidade que nos acolhe, como peregrino da fé e testemunha de Cristo ressuscitado, seguindo os passos do Apóstolo Santiago.

Sob o lema «*E entrou para ficar com eles*» (Lc 24,29), tomado da passagem evangélica dos discípulos de Emaús, aprofundámos a importância das peregrinações aos santuários, enquanto manifestação da vida cristã e espaço de evangelização. Esta passagem bíblica oferece-nos a figura daqueles dois caminhantes como paradigma do peregrino que busca encontrar uma resposta para as suas perguntas mais profundas. Aqueles discípulos, que se dispunham a percorrer o caminho que une Jerusalém a Emaús, sentiam-se consternados e defraudados pelos últimos acontecimentos, os quais não respondiam às suas expectativas, e para os quais não encontravam explicação. No meio desta situação, Jesus Ressuscitado vem ao seu encontro e faz-se presente, para os iluminar com a sua presença e a sua palavra. Com eles entra em casa, e depois de tomar o pão e os repartir, a eles “*abriram-se-lhe os olhos e O reconheceram*” (Lc 24, 31), após o qual retomam velozmente o caminho de regresso para Jerusalém narrando aos Apóstolos o que lhes tinha sucedido. Na narração observamos, pois, um triplo movimento: caminharam, permaneceram e regressaram.

Além disso, o ícone dos discípulos de Emaús ofereceu-nos o marco teórico ideal para verificar o nosso trabalho pastoral no âmbito das peregrinações e santuários, já que nele aparecem apresentados os elementos constitutivos da fé cristã: fé conhecida, celebrada, vivida, feita oração, partilhada e anunciada.¹

Ao encerrar este **II Congresso Mundial de Pastoral de Peregrinações e Santuários**, é nosso desejo partilhar as seguintes conclusões, elaboradas não apenas a partir das diferentes conferências e comunicações, mas também do aprofundamento desenvolvidos pelos diferentes grupos de trabalho. E as oferecemos seguindo o mesmo esquema que percorremos durante o Congresso.

O Santo Padre sublinha, em primeiro lugar, as possibilidades que a peregrinação oferece à acção evangelizadora da Igreja. De facto, estamos convencidos que a peregrinação tem como empenho primário a “*evangelização que, com frequência, é conatural aos próprios lugares sagrados*”.²

¹ Cfr. CONGREGAÇÃO PARA O CLERO, *Directório Geral para a Catequese*, 15 Agosto 1997, n. 84.

² CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *A peregrinação no Grande Jubileu do Ano 2000*, 25 de Abril de 1998, n. 34.

Desta possibilidade fomos tomando consciência progressiva nas últimas décadas, passando de uma “prática devocional” a uma “pastoral da peregrinação”. Partindo da Mensagem Pontifícia, consideramos importante assumir as cinco propostas em vista a aprofundar a potencialidade evangelizadora das peregrinações:

- aproveitar a capacidade de convocação que as caracteriza;
- cuidar do acolhimento que realizemos;
- entrar em sintonia com as perguntas que brotam do coração do peregrino;
- ser fieis ao carácter cristão da peregrinação, sem reducionismos;
- ajudar o peregrino a descobrir que o seu caminho tem uma meta.

1. “...aproximou-se e pôs-se a caminhar com eles” (Lc 24,15)

Ressoam ainda em nós as palavras pronunciadas pelo Venerável Servo de Deus, João Paulo II, quando pela ocasião do I Congresso Mundial, celebrado em 1992, afirmava que “a peregrinação é uma experiência fundamental e fundante da condição do crente, ‘homo viator’, homem a caminho da Fonte de todo o bem e do seu cumprimento. Pondo todo o seu ser em caminho, seu corpo, seu coração e sua inteligência, o homem descobre-se ‘buscador de Deus e peregrino do Eterno’”.³ Desejamos afirmar que a peregrinação é uma experiência religiosa autêntica, podendo inclusivamente ser decisiva para algumas pessoas.

Constatamos, antes de mais, a **significativa capacidade de convocação** de que gozam as peregrinações e os santuários, a qual também os converte num instrumento útil para a evangelização dos afastados. Além da importância numérica, também se observa uma grande diversidade de peregrinos, que se manifesta nas gerações, nos níveis de formação religiosa e no sentido daquilo que se vai buscar ao coração do santuário.

Juntamente às múltiplas motivações, outro factor a considerar é a diversidade quanto ao tipo de peregrinação. Entre elas destacamos: peregrinações individuais, peregrinações de famílias, peregrinações organizadas por paróquias e peregrinações organizadas por agências de viagens.

Na peregrinação ao santuário e no caminho da vida, o peregrino descobre a sua fragilidade. Paradoxalmente, acolhendo a graça e a acção de Deus em suas limitações, o homem alcança a sua perfeição. Neste caminho, o peregrino necessita de ser acompanhado. O acompanhamento que implica a condição de peregrino pode-se dar desde o início do caminho, durante o percurso ou à chegada do santuário. Deste modo, começa um processo de passar do “caminhar” ao “reconhecer” que Deus o espera ali. O santuário mostra-se, assim, como um tempo e um espaço privilegiado para descobrir algo que Deus já nos deu, como um dos caminhos que Ele empreende para vir ao nosso encontro.

É importante **cuidar o acolhimento com que brindamos o peregrino**, realizado por sacerdotes, religiosos ou leigos, caracterizada pelo respeito pelos processos pessoais, ajudando a sondar as suas interrogações (ou inclusivamente a provocá-las). Um acolhimento que se manifesta desde os simples pormenores até à disponibilidade pessoal à escuta, passando pelo acompanhamento durante o tempo que dura a presença. Este acolhimento é o rosto visível da caridade do santuário, que provoca no peregrino uma reflexão. Sente-se acolhido por Deus porque é acolhido pelos irmãos.

Os participantes deste Congresso convidam todos os agentes pastorais a fazer seu o acolhimento entendido como “pastoral da amabilidade”, que permite acolher com um espírito de abertura e fraternidade. Este acolhimento deverá ter em conta e responder, certamente, à diversidade de motivações que movem os peregrinos, tendo em conta o específico de cada grupo e de cada pessoa, as expectativas de seus corações e as suas mais autênticas necessidades espirituais.⁴ Assim, pois, uma diversidade de peregrinos exige de nós um acolhimento diferenciado. Todas as categorias de pessoas às quais nos referimos devem encontrar o seu lugar no santuário. É por isso que o nosso modo de acolher deve ser, na medida do possível, personificado e diferenciado, fugindo ao risco da uniformidade. Preocupa-nos

³ JOÃO PAULO II, *Discurso aos participantes do I Congresso Mundial da Pastoral dos Santuários e Peregrinações*, 28 de Fevereiro de 1992, n. 5.

⁴ Cfr. CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário. Memória, presença e profecia do Deus vivo*, 8 de Maio de 1999, n. 12.

sobremaneira a promoção da peregrinação entre os jovens, esforçando-nos por lhes dedicar uma atenção congruente à sua idade.

Se o acolhimento diferenciado significa um encontro pessoal com Jesus Cristo, isto exige um acolhimento de qualidade no santuário, o qual implica, por parte dos responsáveis, entre outras coisas, uma presença activa e atenta e uma atitude amável.

Ainda querendo acolher pessoalmente aos peregrinos, estamos conscientes que isto nem sempre é possível, sobretudo quando o número é muito elevado. Nestas circunstâncias alcançam especial importância outros elementos, tais como: a dignidade das celebrações litúrgicas e das manifestações de piedade popular, o ambiente de respeito e recolhimento, a ordem e a segurança, o cuidado do recinto, a correcta sinalização, uma arquitectura apropriada e sem barreiras, o apoio de materiais impressos e das novas tecnologias, a criação de espaços físicos adequados e acolhedores para cada categoria de pessoas e para cada uso específico (capelas de adoração e de reconciliação, pontos de informação, museu, etc.), ou o evitar a percepção de comercialização no espaço sagrado.

Outras acções concretas que podem contribuir para realizar um acolhimento digno são:

- elaborar estudos estatísticos e sociológicos dos tipos de peregrinos, assim como dos motivos que os levam a peregrinar ao santuário;
- promover o voluntariado para o acolhimento;
- promover a formação de todos os agentes implicados na vida do santuário, elaborando programas e manuais específicos de formação humana, doutrinal, espiritual e pastoral;
- velar de maneira especial pela preparação e capacidade daqueles sacerdotes que ali exercem o ministério da Palavra e da Reconciliação;
- definir com clareza o carisma próprio do Santuário, o qual deve informar todo o espírito e sentido da vida e do trabalho do voluntário.

A este propósito, consideramos necessário a elaboração de um plano pastoral para o acolhimento e a evangelização que integre e coordene todos os elementos assinalados. Esta proposta, com um objectivo anual, pode ajudar a evitar a rotina nas nossas abordagens.

Para favorecer esta evangelização é importante a soma dos esforços de todos os agentes implicados, coordenando o trabalho que se desenvolve nos vários âmbitos:

- sintonia do santuário com a pastoral diocesana, de modo que esteja integrado nela, inserindo-se numa necessária pastoral de conjunto;
- colaboração entre santuários e paróquias, enquanto âmbitos necessários e complementares;
- colaboração entre santuários e reitores, favorecendo encontros regionais, e incluindo aos agentes pastorais;
- colaboração entre associações de peregrinações;
- colaboração com as agências e guias turísticos;
- colaboração com entes civis.

Uma menção especial merece o papel que devem desempenhar as diferentes Conferências Episcopais na coordenação desta pastoral específica. Consideramos importante a inclusão dos santuários e as peregrinações dentro dos seus planos pastorais nacionais. Solicitamos ao Conselho Pontifício que inste às Conferências Episcopais a dispor os instrumentos necessários para tal objectivo: designação de um Bispo promotor, coordenar os encontros de responsáveis de santuários e organizadores de peregrinações, elaborar subsídios de apoio (manual do peregrino, manual para guias de peregrinos, directório para os santuários...).

Ainda estando conscientes de que este trabalho partilhado nem sempre é fácil, consideramos necessário e urgente estabelecer canais de colaboração que consolidem estratégias e aproveitem sinergias, promovendo uma oportuna convergência de esforços.

2. “...explicou-lhes o que a Ele se referia em todas as Escrituras” (Lc 24,27)

Neste momento em que a indiferença religiosa, com a ausência de interrogações existenciais, é um obstáculo importante para a acção evangelizadora, a peregrinação aos santuários, pela sua própria

natureza, pode favorecer o anúncio evangélico. Quem peregrina ou visita um santuário, tantas vezes o faz em circunstâncias vitais singularmente particulares, das quais brota uma atitude de procura.

Partindo dessa **pergunta que nasce do coração do peregrino**, a Igreja deve apresentar a Cristo como aquele em quem todas as nossas demandas encontram resposta. E isto é o que destaca o Santo Padre quando, dirigindo-se a este Congresso, afirma que *“a aspiração à felicidade presente no espírito encontra n’Ele a sua resposta, e é junto d’Ele que o sofrimento humano encontra um sentido. Com a sua graça, também as mais nobres causas encontram a sua plena realização”*.⁵

Lugar importante ocupa a pregação no santuário, que, sendo fiel à Palavra, deve ser realizada empregando uma linguagem adaptada, compreensível e próxima.

Além disso, consideramos muito importante **manter fielmente o carácter cristão da peregrinação**, não permitindo que se desvirtue por outras motivações alheias ao seu dinamismo espiritual. Isto não significa negar outras possíveis motivações, como as de índole cultural, mas colocar cada coisa no seu devido lugar.

O santuário, que em numerosas ocasiões forma parte do património artístico e cultural do lugar, deverá continuar a ser promotor de novas propostas culturais, as quais se inserirão no contexto de uma acção evangelizadora clara e criativa. Estas podem ser, certamente, um âmbito de encontro com os não crentes. É essencial que o santuário redescubra a *Via Pulchritudinis* como via de conhecimento de Deus, e com esse fim, estimule a relação entre património artístico-cultural e evangelização. Estamos conscientes de que não podemos pensar o significado e a missão do santuário sem ter em conta tanto o novo contexto antropológico e cultural como os desafios que estas mudanças colocam.

Cremos firmemente que a beleza é uma porta para o mistério de Deus, uma beleza que no santuário se deve concretizar em várias dimensões: beleza do espaço litúrgico, da liturgia, da caridade e das relações humanas. Tudo quando diz respeito ao edifício sagrado e quanto este contem deve ser feito de tal modo que mesmo quando não haja celebrações, o templo continue a anunciar a Palavra, de modo que suscite no peregrino o desejo de abrir-se e de acolher a acção salvadora de Deus.

Para favorecer a missão evangelizadora, valorizamos como positivo, e inclusivamente necessário, o emprego dos meios de comunicação social e das novas tecnologias, que aparecem como “novos areópagos” para a evangelização da cultura. Isso exige de nós a capacidade de dotar as equipas de profissionais e voluntários.

3. “...tomou o pão, pronunciou a bênção, partiu-o e deu-o” (Lc 24,30)

Estamos convencidos que a **peregrinação tem um objectivo último claro**. Com o Papa Bento XVI proclamamos que *“diversamente do vagabundo, cujos passos não têm uma destinação precisa, o peregrino tem sempre uma meta diante de si, mesmo se por vezes não tem disso plena consciência. E a meta mais não é do que o encontro com Deus por meio de Jesus, no qual que todas as nossas aspirações encontram a sua resposta. É por isso que a celebração da Eucaristia deve ser considerada o ponto culminante da peregrinação”*.⁶

Os frutos da Eucaristia que se celebra no santuário incidem em toda a vida e situações do peregrino. Estes frutos manifestam-se nos gestos de caridade para com os pobres e os enfermos, no silêncio e na oração, no acolhimento mútuo e na escuta da Palavra e na sadia celebração da festa. Sem esquecer que um dos frutos mais preciosos do santuário é o perdão de Deus acolhido no sacramento da Reconciliação. Por isso, é necessário prestar especial atenção a esta “primeira liturgia” do santuário.

Consideramos inevitável responder ao desejo das pessoas de redescobrir o sagrado e a liturgia como lugar da tripla comunhão, com Deus, com o próximo e consigo mesmos.

A nossa experiência mostra que algumas formas de expressão simbólica gozam de grande significado para as pessoas, e lhes oferecem um meio para se abrirem à Transcendência.

Valorizamos positivamente as diferentes expressões de piedade popular que têm lugar no contexto das peregrinações e dos santuários. Esta é um elemento de profundidade e legítima riqueza da identidade

⁵ BENTO XVI, *Mensagem aos participantes no II Congresso Mundial de Pastoral de Peregrinações e Santuários*, 8 de Setembro de 2010.

⁶ *Ibidem*.

cristã dos nossos povos que deve ser acolhida nos seus elementos positivos e acompanhada em seu caminho de conversão e fidelidade.

4. “Fica conosco Senhor porque anoitece” (Lc 24,29)

Consideramos que a peregrinação e o santuário deverão ser âmbitos de comunhão e de caridade, de eclesialidade e de fraternidade.

A peregrinação é uma escola de sociabilidade eficiente e uma experiência de fraternidade prática. Além disso, o santuário deve-se mostrar como um lugar de acolhimento, um lugar de reunião e de encontro. Cada santuário, segundo as suas modalidades e capacidades próprias, deveria ser tanto um centro de exercício prático e exemplar da caridade como um espaço de sensibilização em favor dos irmãos que sofrem. As obras assistenciais ou promocionais contíguas ao próprio santuário tornam visível o seu compromisso caritativo, que nasce do amor de predileção de Deus pelos que sofrem. Exercendo a sua missão profética, o santuário deve fazer ressoar a voz dos que vivem em situações de guerra, de necessidade, de injustiça ou de perseguição.

Constatamos a importância dos santuários na atenção pastoral aos emigrantes. São numerosos os santuários que, partindo da recepção das devoções dos emigrantes, oferecem uma vasta atenção pastoral a estes grupos. Do mesmo modo, supõem um apoio à fé daqueles concidadãos que tendo emigrado para o estrangeiro, continuam vinculados à sua pátria e à sua fé precisamente através destes santuários.

5. “E contaram o que lhes tinha sucedido pelo caminho...” (Lc 24,35)

O peregrino observa no santuário uma multidão dirigida a Deus e dirigida ao irmão. Ele sente que aquilo que vê, pode depois reproduzi-lo e continuá-lo na vida quotidiana. Da qualidade do encontro pessoal com Cristo depende a qualidade do regresso aos irmãos e o compromisso na comunidade de cada peregrino. Se o caminho, a permanência no santuário e o regresso à vida do dia-a-dia formam um todo, a espiritualidade do regresso, bem como os critérios pastorais que esta possa implicar, têm que estar em sintonia com os dois momentos que o precedem.

O retorno não é um simples voltar a trás. A experiência que o peregrino viveu de algum modo mudou-o. Isto marcará o seu retorno ao dia-a-dia. O crente aprende que o regresso também faz parte da peregrinação.

É desejável que o próprio santuário ofereça ocasiões para ritualizar o retorno de modo cristão, configurando-o como um envio do peregrino a viver cristãmente a sua vida. No momento de empreender o regresso, será importante que se convide o peregrino a incorporar-se numa comunidade cristã concreta ou a aumentar os vínculos com essa, segundo os casos. Além disso, deve-se incentivá-lo a ser testemunha do que viveu no meio do mundo.

O reencontro com o seu pároco ou com o agente de pastoral que organizou a peregrinação pode ser uma ocasião, para o peregrino, de abrir caminhos para uma nova vida eclesial e de fé. É importante oferecer propostas concretas de lugares, tempos e pessoas que lhes possam acompanhar no seu regresso à vida do dia-a-dia.

6. “Colaboradores de Deus...” (1 Cor 3,9)

Estamos conscientes da importância do nosso ministério, e como Cristo caminho de Emaús, também nós somos chamados a acompanhar os homens e mulheres do nosso tempo. Consideramos que é muito importante aproveitar o momento de graça que pode constituir uma peregrinação. Por isso, “*é indispensável no santuário a presença de agentes pastorais capazes de iniciar o diálogo com Deus e a contemplação do mistério imenso que nos envolve e nos atrai*”.⁷ Ao mesmo tempo, os agentes pastorais devem recordar que também eles estão a caminho.

⁷ CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PASTORAL DOS MIGRANTES E ITINERANTES, *O Santuário. Memória, presença e profecia do Deus vivo*, 8 de Maio de 1999, n. 10.

Resumindo tudo o que ficou dito, e como guia para a nossa acção, acolhemos as palavras que o Santo Padre nos dirigiu, indicando-nos que devemos cuidar *“com grande esmero, o acolhimento dos peregrinos, dando o justo destaque, nomeadamente, à dignidade e beleza do santuário, imagem da ‘tenda de Deus com os homens’ (Ap 21, 3); aos momentos e espaços de oração, tanto pessoais como comunitários; à atenção às práticas de piedade. Ao mesmo tempo, nunca se insistirá demasiado no facto de que os santuários hão-de ser faróis de caridade, incessantemente dedicados aos mais desfavorecidos mediante obras concretas de solidariedade e misericórdia e uma constante disponibilidade para escutar. Há que favorecer também o acesso dos fiéis ao sacramento da Reconciliação, consentindo-lhes participar dignamente na celebração eucarística, de tal modo que esta possa ser o centro e o cume de toda a acção pastoral dos santuários”*.⁸

Queremos manifestar a todos os reitores e agentes pastorais dos santuários e aos promotores das peregrinações o nosso agradecimento pela sua disponibilidade e pelos seus esforços para acolher os que, como os discípulos de Emaús, vão buscando em Deus uma resposta para as interrogações e para o sentido das suas vidas. Manifestamos-lhes a nossa gratidão, tanto em nome da Igreja como em nome dos peregrinos, ao mesmo tempo que os animamos a continuar a oferecer o melhor de si mesmos na pastoral das peregrinações e dos santuários.

7. Conclusão

Ao terminar este documento que quisemos partilhar e, confiando na intercessão de Maria Santíssima e do Apóstolo Santiago, dirigimos a nossa oração a Jesus Cristo, «Caminho, Verdade e Vida» (Jo 14,6), a quem apresentamos não apenas os trabalhos pastorais que se fazem no âmbito das peregrinações e dos santuários, como a todos aqueles que, peregrinando nesta vida, vão buscando o seu rosto. Unimos a nossa oração à de Sua Santidade Bento XVI, com a qual concluiu a Mensagem que dirigiu ao nosso Congresso:

*Senhor Jesus, peregrino de Emaús,
que caminhas ao nosso lado, por amor,
mesmo se tantas vezes o desalento e a tristeza
não nos deixam descobrir a tua presença.
Tu és a chama que reaviva a nossa fé.
Tu és a luz que purifica a nossa esperança.
Tu és a força que acende a nossa caridade.
Ensina-nos a reconhecer-Te na Palavra,
na Casa e na Mesa onde se partilha o Pão da Vida,
no serviço generoso ao próximo que sofre.
E ao cair a noite, ajuda-nos, Senhor,
a dizer: “fica connosco”. Ámen.*

Santiago de Compostela, 30 de Setembro de 2010

⁸ BENTO XVI, *Mensagem aos participantes no II Congresso Mundial de Pastoral de Peregrinações e Santuários*, 8 de Setembro de 2010.